

Lucilene Soares da Costa (UEMS)
José Antônio Vieira (UEMA)
Valdir Heitor Barzotto (USP)

Carta ao leitor,

A ideia deste dossiê, Experiências e reflexões sobre a cooperação acadêmica transnacional, deriva das reflexões que tomaram corpo nos I e II Seminários Transnacionais sobre Cultura de Cooperação Acadêmica, eventos em que os proponentes da chamada tiveram a grata satisfação de integrar o comitê de organização e compor mesas redondas para discutir o tema com colegas de Angola, Brasil, Peru e Bélgica.

Na primeira edição, em março de 2022, ainda on-line em razão da pandemia, foi sugerido aos palestrantes, como trabalho de preparação para o seminário, que analisassem alguns acordos de cooperação em vigência nas instituições de ensino superior (IES) que compunham o grupo de trabalho organizador do evento, dentre elas, Escola Superior Pedagógica do Bengo (Angola), Instituto de Ciências da Educação do Cuanza Sul (Angola), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Brasil) e Universidade de São Paulo (USP).

Naquele momento, o interesse principal era verificar até que ponto os instrumentos utilizados pelas instituições participantes para estabelecer os convênios e acompanhar seus resultados eram suficientemente precisos para mapear e dar visibilidade às ações de cooperação em curso. O objetivo desse exercício analítico era propor alguns parâmetros a partir dos quais as cooperações entre o eixo sul-sul pudessem avançar e ser avaliadas de maneira mais equitativa pelas agências de fomento.

Na edição seguinte, em abril de 2023, o propósito inicial se manteve em diversas mesas, dentre elas, “Concepções, práticas e problemas da avaliação da cooperação internacional”, ainda que o enfoque tenha se ampliado dos convênios de cooperação em vigência para a discussão das políticas que têm sido implementadas nas IES ali

representadas para a incorporação da internacionalização no cotidiano das práticas universitárias.

O fato desta segunda edição, agora na modalidade presencial, ocorrer no interior do Nordeste brasileiro, no campus de Pedreiras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), é significativo, pois o Nordeste é uma região de forte identidade acadêmica, histórica, cultural e étnica, conquanto afastada dos grandes centros do país. Fazendo jus ao título do evento, a cultura e a dimensão cultural da internacionalização reverberaram intensamente nas falas e apresentações. O propósito naquele momento foi a partilha de conhecimento sobre os processos de internacionalização conduzidos por instituições distantes dos centros acadêmicos e, conseqüentemente, esquecidas pelas agências de financiamento.

No debate sobre cultura de cooperação acadêmica, que teve lugar em Pedreiras, portanto, esteve implícita a discussão de como sedimentar conhecimento sobre o campo da cooperação transnacional. Qual conceito de cooperação interessava difundir? Como estruturar os convênios? Com qual agenda e propósitos? Quais dispositivos e práticas poderiam ser úteis? Qual o papel da(s) língua(s) no processo?

Tais questões inevitavelmente colocam em evidência visões em disputa sobre os processos de globalização e de cooperação acadêmica transnacionais em andamento. Reivindicando maior espaço no debate, as universidades, por meio da internacionalização acadêmica, vêm sendo fortemente interpeladas sobre sua inserção no movimento de transnacionalização da educação superior. De maneira diversa dos países do eixo Norte, que viram no período da Guerra Fria e pós-colonial a internacionalização de seus sistemas de ensino como um poderoso componente de preservação de influência ideológica, o processo no Brasil é mais recente e atende aos propósitos de colocar o país em sintonia com as transformações científicas e tecnológicas das últimas décadas.

A virada do século XXI viu eclodirem os estudos sobre o processo de internacionalização acadêmica, ainda que a estruturação propriamente dita desse eixo tenha ocorrido apenas na última década na maior parte das universidades brasileiras.

É o caso da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em que a institucionalização da Assessoria de Relações Internacionais se consolida a partir de 2018, com a inclusão da Internacionalização como eixo estratégico do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), elaboração de resoluções que regulamentam a política de internacionalização, a mobilidade de corpo docente, técnico e discente e o apoio financeiro ao processo.

A fim de contribuir com a discussão sobre o tema, os textos que compõem o presente dossiê se inserem em uma perspectiva que historiciza e realiza uma revisão crítica do processo de internacionalização atual. Consoante um influxo nacional recente, defendem que é necessária maior aproximação com os países do eixo sul-sul com os quais o Brasil tem em comum, aspectos culturais, linguísticos, fronteiriços e de integração regional como motivadores dos processos de internacionalização. Tal percepção se assenta também na constatação de que a graduação e a pós-graduação brasileiras absorvem em mobilidade internacional um contingente representativo de pessoas da América Latina e da África de língua oficial portuguesa.

Cabe destacar ainda que grande parte dos autores presentes neste dossiê vem se dedicando ao tema da internacionalização desde 2014, quando o Prof. Valdir Heitor Barzotto assume a presidência da Comissão de Cooperação Nacional e Internacional da Faculdade de Educação da USP (CCInt/FEUSP). Naquele momento, os estudantes eram estimulados a participar de atividades de cooperação acadêmica e, ao mesmo tempo, a refletir sobre o ambiente, no qual se inseriam. Tal propósito visava a tornar mais densa a experiência com a internacionalização, muitas vezes limitadas à frequência em disciplinas e conhecimento geográfico-cultural de outras regiões. Embora isso já possa ser considerado bastante, buscava-se a produção de uma reflexão mais crítica a respeito dos modelos de internacionalização aos quais estudantes e professores estão imersos. Parte dos artigos aqui publicados, fazem parte desse movimento de amadurecimento da reflexão durante os eventos que se constituíram como espaço de trabalho a respeito da temática, como os Seminários de Internacionalização da FEUSP.



O dossiê apresentado nesta edição foi organizado da seguinte maneira. Inicialmente, apresentam-se três trabalhos que, de um ponto de vista histórico e conceitual, analisam a experiência da Comissão de Cooperação Internacional da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. É o caso de “Um panorama da internacionalização da FEUSP no triênio 2015-2017”, de Rosângela de Araujo Medeiros, Selma Regina Olla Paes de Almeida e Vanessa Marruche. No trabalho, as autoras empreendem análise dos dados disponíveis nos relatórios da CCInt para identificar os principais fluxos e rotas de internacionalização no período.

De maneira a expandir a compreensão dos aspectos ideológicos relacionados à internacionalização na universidade, “O ensino superior e a internacionalização na Universidade de São Paulo”, de Selma Regina Olla Paes de Almeida, analisa as diferentes concepções de internacionalização do ensino superior na instituição paulista, compreendendo as implicações e ideologias contidas em cada uma delas e seus reflexos na realidade acadêmica atual.

“Mobilidade acadêmica internacional de licenciandos da FEUSP: uma descrição referente ao período de 2015 a 2017”, de Vanessa Marruche, debruça-se sobre os relatórios de licenciandos da referida faculdade em processo de mobilidade internacional, mapeando as principais parcerias e as práticas mais frequentes nesse grupo.

Os dois trabalhos seguintes relatam experiências que se poderia chamar de internacionalização não-hegemônica. “Notas sobre o fascínio pelo norte e a cooperação com o sul: internacionalização Brasil – Bulgária”, de Vanessa Cardoso Cezário, recupera a trajetória da autora em mobilidade internacional no leste europeu para pôr em questão o imaginário corrente que alimenta a mística de que a internacionalização de excelência se restringiria aos países do Norte global. O trabalho seguinte, “Experiências de ensino em um curso de língua e cultura brasileira em universidade de Honduras”, de Marcelo Dias, reflete sobre o processo de mobilidade no país latino-americano e descreve as principais etapas de um longo e profícuo

acordo de cooperação entre sua conceituada IES brasileira e uma pequena universidade hondurenha.

A cooperação acadêmica com a África é objeto de discussão em 5 trabalhos que compõem o dossiê. Em “A cooperação acadêmica entre Angola e Brasil a partir da fala de seus atores”, Lucilene Soares da Costa identifica por meio da análise de extratos de entrevistas, a percepção do corpo acadêmico sobre a cooperação entre os dois países. Por sua vez “Relato de uma experiência: a figura do coorientador na mobilidade discente”, de Carlos Nascimento Miguel, descreve o processo exitoso de orientação de uma discente de graduação brasileira em mobilidade de extensão internacional em Angola. “A África e a internacionalização nas universidades brasileiras: análise inicial sobre as políticas de mobilidade internacional da USP e do Programa Ciências Sem Fronteira entre 2011 e 2019”, de Celso Luiz de Oliveira Junior e Sheila Perina de Souza, parte da experiência dos autores como discentes de pós-graduação em mobilidade em Angola, África do Sul e Moçambique para elaborar uma densa reflexão sobre os mecanismos de apagamento do continente nas políticas de apoio à internacionalização.

Os dois trabalhos finais dialogam entre si ao descreverem exemplos de ações de internacionalização em casa em instituições brasileiras. “Tecendo laços de cooperação: relato de experiência das rodas de conversa sobre cooperação acadêmica sul-sul entre África-Brasil”, de Sergio Tsembane e Danilo Kato, analisa uma prática de uma universidade mineira ao propor rodas de conversa com discentes do Brasil, Angola e Moçambique para fomentar o diálogo intercultural e fortalecer os laços colaborativos entre os países participantes, com o propósito de desenvolver conhecimentos contextualizados.

Encerrando o dossiê, “Identidades: trânsito diaspórico e a africanidade”, de Silvana Colombelli Parra Sanches, traz um recorte da tese de doutorado em Educação na qual a autora estuda a presença e inserção de imigrantes senegaleses em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

A todos que se interessam pelas práticas de internacionalização acadêmica os organizadores desejam uma excelente leitura.